



Albino Teixeira em Angola

## Como é diferente esta terra!

página 8

### SUMÁRIO

Presidente da Junta faz balanço do mandato

p. 7

Luís Teixeira, professor, fala sobre a Escola Primária da Castanheira

p. 7

Arsénio Martins, homenageado em Vouzela

p. 9

Manuel Martinho, o pai dos pobres

p. 11

BTT foi êxito

p. 12

Uma tradição que continua

## Castanheirenses gostam de ir à Feira de Pínzio

Os castanheirenses continuam a frequentar a feira de Pínzio. Seja nos mercados do 3º sábado do mês, seja na Feira de Ano (este ano a 12 de Agosto), seja no Santo André, o largo do mercado é procurado pelos compradores, pelos vendedores e também por aqueles que constam simplesmente de beber um copo ou de comer o frango no churrasco.

Reportagem na página 3



## Festa da Senhora da Conceição: tanta gente!

página 5

Motivos de emoção e homenagem

## Encontros de patrícios

página 10



ENTREVISTA

## Delfim Gonçalves, administrador no IPG

Delfim Teixeira Gonçalves tem 56 anos de idade e é casado, desde 1979, com a enfermeira Amélia Carreira. Tem 2 filhos, o João e o Nuno. Exerce, desde Fevereiro de 2000, o cargo de administrador do Instituto Politécnico da Guarda, em regime de comissão de serviço, por 3 anos, renovável. Tem estado ligado também ao Centro Paroquial N.º Sr.ª da Conceição, da Castanheira.

Entrevista na página 4

# Encontro



por Joaquim Igreja

No primeiro domingo de Julho, ao ir visitar a casa dos meus pais ao fundo do povo para abrir portas e janelas, deparei com a casa do ti Zé Neto deitada abaixo. Um monte de pedra no lugar do antigo olmo, o espaço agora todo amplo lá dentro só com a parede do fundo e as laterais ainda de pé. O espaço é muito mais pequeno do que podia permitir a imaginação de quem conhecia a taberna + arrecadação + zona dos correios e telefone. Antigamente vivia-se em miniatura. E senti alguma nostalgia ao olhar para o canto onde o ti Zé Neto serviu anos a fio copos atrás de copos e satisfiz assim corpo e alma de tanta vida difícil.

Mas o lado mais real da "coisa" é que esta casa vai renascer, não evidentemente como taberna ou "venda" mas como casa de habitação para férias, porque há uma família que pensa a uma só voz e que quer vir regularmente de Lisboa à Castanheira e aqui ficar em boas condições. Isto, para além de ser uma lição para muita gente, é também o pretexto para trazer à baila o tema dos nossos regressos à nossa aldeia. Como já aqui disse, a morte ou a ausência dos familiares mais próximos faz-nos evitar as visitas a esta terra, como se já não houvesse muito para além das pedras. Se vimos em dia de semana, a aldeia é quase uma aldeia-fantasma, tão rara é a passagem de quem quer que seja na rua. Aos domingos, a terra anima-se mais mas só um pouco mais. Se exceptuarmos os dois meses maiores do verão. E se exceptuarmos ainda mais a Festa de Julho, que junta muito mais gente do que seria possível hoje viver nesta terra.

Ora encontrar razões para vir à Castanheira pode ser um bom exercício de verão para quem está longe ou um bom exercício de imaginação para os que cá moram e querem que os outros cá venham. Como trazer gente? Para mim, ocasiões de vir à terra só se forem ocasiões de celebrar. Vir às festas da Castanheira, vir cá baptizar os netos, passar cá um fim de semana nem que seja a dormir na Guarda podem ser boas ideias. Precisam-se pois programas um pouco "urbanos" para atrair os que já foram "ruras" e já não o são tanto: pode ser uma caminhada, uma gincana, um grupo musical conceituado, uma homenagem, uma edição, um recorde. Ou simplesmente tomar o café na Castanheira.

Entretanto já depois de redigida esta crónica tive conhecimento dos Encontros dos nascidos de 1959 e dos descendentes de Genoveva Lucas e Manuel Lucas, ambos realizados em Julho (ver noutra página deste jornal). A moda dos Encontros de familiares ou simplesmente de patrícios está a pegar. Pode ser um bom pretexto para vir à Castanheira. E porque não um Encontro anual no dia da Romagem ao Cemitério (habitualmente a 1 de Novembro)? A ideia aí está, sem direitos de autor. Mais que uma homenagem aos (nossos) mortos, seria também a ocasião anual de reforçar os laços entre castanheirenses vivos. Os castanheirenses defuntos de certeza que gostariam da ideia.

[joaquim.igreja@netvisao.pt](mailto:joaquim.igreja@netvisao.pt)

# Vírus da Gripe A

Desta vez é mesmo muito sério!!! Mantenha-se informado!!!!  
Vírus da Gripe A(H1N1)



por Dolores Carreira

O que é ?

O novo vírus da Gripe A(H1N1)v, que apareceu recentemente, é um novo subtipo de vírus que afecta os seres humanos. Este novo subtipo contém genes das variantes humana, aviária e suína do vírus da gripe e apresenta uma combinação nunca antes observada em todo o Mundo. Em contraste com o vírus típico da gripe suína, este novo vírus da Gripe A(H1N1)v é transmissível entre os seres humanos.

Medidas de protecção individual contra a Gripe A (H1N1):

Evite o contacto próximo com pessoas com gripe! Procure não estar na presença de pessoas com gripe. Se ficar doente, mantenha-se afastado dos outros, pelo menos a 1 metro de distância, para protegê-los de adoecer também. Se ficar doente, permaneça em casa! Se estiver com sintomas de gripe, fique em casa e contacte a Linha Saúde 24, pelo número 808 24 24 24, de forma a proteger-se e evitar o contágio a outras pessoas.

Se tossir ou espirrar, cubra a boca e o nariz com um lenço de papel! Para impedir que outras pessoas venham a adoecer, é muito importante, quando tossir ou espirrar, que cubra a boca e o nariz com um lenço de papel ou com o antebraço, mas nunca com a mão! De imediato, deposite no lixo o lenço utilizado.

Lave as mãos frequentemente com água e sabão! É fundamental lavar as mãos com frequência, com água e sabão em abundância, durante 20 segundos, pelo menos, em particular depois de tossir ou espirrar. Em alternativa, pode usar toalhetes à base de álcool.

Evite o contacto das mãos com os olhos, nariz e boca! Procure não tocar nos olhos, nariz e boca sem ter lavado as mãos, porque o contacto destas com superfícies ou objectos contaminados é uma forma frequente de transmissão da doença.

Limpe frequentemente as superfícies ou objectos mais sujeitos a contacto com as mãos! É necessário manter limpas, com um produto de limpeza comum, as superfícies sujeitas a contacto manual muito frequente, tais como mesas de trabalho e maçanetas das portas.

Estas medidas são também muito importantes nas crianças! Na prevenção do contágio nas crianças, é muito importante assegurarmo-nos de que estas medidas também são respeitadas por elas.

Se adoecer, assegure-se de que terá o apoio de outras pessoas! É importante saber a quem poderá pedir ajuda, em caso de necessidade.

Fonte: ECDC, Estocolmo, Maio 2009. Traduzido pela Direcção-Geral da Saúde.

Amigo Castanheirense informe-se e divulgue em prol do bem de todos! Boas férias e, atenção, práticas saudáveis.

[dolorescarreira@mail.telepac.pt](mailto:dolorescarreira@mail.telepac.pt)

# A Castanheira vai a Pínzio

“Já me lembro de ir à feira, era eu um moço, pela mão do meu avô” relata-nos António Dinis para nos recordar o tempo que dura a feira em Pínzio. Mas foi passados alguns anos, já como feirante, que a relação de António Dinis com o mercado mensal de Pínzio se intensificou. Vendia o calçado, juntamente com muitos outros sapateiros, que manufacturavam nos officios da Castanheira. “Era vender até a tripa começar a andar nos mercados. Depois dessa altura, apesar de ainda não terem começado os rigores do Inverno, as pessoas já estavam todas calçadas. Mas ia-se vendendo todo o ano”.

Mas não era apenas António Dinis que ia à feira. Era quase toda a Castanheira que, todos os meses, no dia 20, se dirigia para Pínzio para “fazer negócio”. Tudo se vendia e tudo se comprava na feira, pois como nos recorda António Dinis, “na altura não havia os supermercados que há agora e havia muitas terras que não tinham nenhum comércio”. Eram os produtos agrícolas, sementes, ourivesaria, os cobertores “vendidos pela altura da feira de ano de Stº André pelas fábricas dos Trinta em grandes quantidades”, todo o tipo de gado, “cavalos, vacas, porcos, ovelhas, galinhas, coelhos,... Fazia-se dinheiro e negócio de tudo”.

Da Castanheira, para além das pessoas que iam para a feira para vender “um coelho, uma galinha ou mesmo uma ovelha”, havia os feirantes. António Dinis recorda-se para além dos sapateiros, dos carneiros (Augusto André, Ti Eduarda, Ti

Carreira e João Bárbara) e das taberneiras (Maria de Jesus e Maria Teixeira).

Eram feiras diferentes daquelas que vemos hoje em dia. “Ia-se cedo, antes do sol nascer, porque para se comprar era preciso vender primeiro aquilo que se levava. Agora o dinheiro já vai no bolso. Ainda dizem que isto agora está mal. Desde que me lembro que a vida tem sido sempre a melhorar”, desabafa António Dinis do alto dos seus 87 anos de sabedoria e experiências.

Depois, há cerca de 20 anos, quando foi proibida a feira do gado “por causa da peste suína”, notou-se uma quebra da feira. Ainda houve muitos feirantes que foram multados, conta-nos António Dinis, por teimarem em querer vender o gado, não na feira, mas nos lameiros circundantes. Mas a feira lá se aguentou.

Hoje em dia, a feira já não se realiza no dia 20, antes no terceiro sábado, o que permite, nas palavras de Augusto Assunção, “que a feira esteja em franca expansão, talvez das melhores feiras da região, pelo menos para os produtos que vendo”. Augusto Manuel, juntamente com António Carreira e Joaquim Carreira, são os feirantes da Castanheira que “fazem” a Feira de Pínzio. Mas, apesar dos clientes já não

frequentarem a feira na necessidade de se abastecerem, “acabam sempre, no meio do passeio que aproveitam para fazer, por comprar alguma coisa. Tenho mesmo muitos clientes da Castanheira que aproveitam a feira em Pínzio para comparem aqui o queijo e o enchido”. Refere ainda que “a feira é hoje um local de encontro e convívio, onde grupos de amigos aproveitam para almoçarem e fazerem pequenas festas.”

Sim porque, como nos contou António Dinis, os dias de feira, para além do negócio, eram também dias de festa “com a banda de música a tocar e tudo”.

Quanto à falada feira da Castanheira, diz-nos que “não durou muito. Por culpa das pessoas de cá. Não iam à feira... só iam às de fora! Nem que não fizessem negócio, que fossem só para fazer monte. Começou a coxear e depois acabou. As gentes de cá são assim...”

Vítor Gonçalves



## Morcela Doce da Castanheira

Na véspera da matança do porco, e para adiantar serviço (porque o dia da matança, especialmente para as mulheres, era uma azafama de tarefas), descascava-se a abóbora e partia-se me pedaços. Partia-se igualmente o pão (de preferência sêmea).

Quando o porco era morto, era necessário recolher o sangue para uma “barranha” e mexer de forma contínua para este não coalhar (se necessário juntar ao recipiente um pouco de sal). Reservar o sangue.

Agora é tempo, enquanto o porco é pendurado e aberto, de colocar a

abóbora a cozer à lareira. Enquanto a abóbora coze e os homens assam as primeiras fêveras e jogam uma “cartada”, devem lavar-se muito bem as tripas do porco (de preferência no ribeiro da Albandeira).

Já novamente em casa é altura de misturar os ingredientes. Deita-se a abóbora para cima do pão e junta-se o sangue do porco e as gorduras do porco. Juntar açúcar, cebola e alho. Mexer tudo muito bem até se conseguir uma massa homogénea.

Depois das tripas preparadas é tempo de as encher. Depois de atadas

e já morcelas, vão ao caldeiro (aquele que está sempre ao lume...) para levar uma fervura. São penduradas no fumeiro e estão prontas a comer. Devem ser servidas cozidas ou assadas como entrada ou mesmo como prato principal acompanhadas de batata cozida e grelos. O meu enchido favorito.

(receita baseada em recolhas efectuadas para o CD “Entristecer – o romance de Isabel, a linda” editado pela Associação da Juventude Activa da Castanheira e das minhas recordações dos dias de matança).

Vítor Gonçalves

# Delfim Gonçalves, administrador

## Fale-nos um pouco do seu percurso escolar e profissional.

Estudei na Escola Primária da Castanheira até à 4.ª classe. Frequentei, depois, o Seminário do Fundão e o Seminário da Guarda, durante 8 anos. Concluí, como trabalhador-estudante, a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas/Estudos Portugueses, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo frequentado também, durante 2 anos, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Comecei a trabalhar na administração pública em Abril de 1972. Nesta caminhada, já desempenhei funções nas carreiras administrativa e técnica superior e em cargos dirigentes, nas áreas da segurança social, saúde e educação, nas cidades de Lisboa, Coimbra e Guarda.

## Que ocupação profissional tem agora? Que tipo de responsabilidade envolve?

Exerço, presentemente, o cargo de administrador do Instituto Politécnico da Guarda, desde Fevereiro de 2000, em regime de comissão de serviço, por 3 anos, renovável. Compete ao presidente do IPG nomear o administrador para o coadjuvar na gestão corrente do Instituto. O administrador faz parte do conselho de gestão do Instituto.

Exerci, anteriormente, durante 4 anos, o cargo de director de serviços de administração geral na Sub-Região de Saúde da Guarda. São cargos de idêntica responsabilidade.

## A sua mãe era a "fiandeira do postal ilustrado", o seu pai o barbeiro da aldeia: como recorda os seus pais?

Vivi permanentemente na Castanheira até aos 10 anos, na companhia dos meus pais e das minhas irmãs Lúcia e Maria Teixeira.

Saí da Castanheira para estudar e

trabalhar. Mas há um impulso que nos faz voltar. A nossa transferência de Coimbra para a Guarda, em 1986, tem a ver com o regresso às origens, à proximidade com os nossos pais.

Infelizmente, já nos deixaram o ti Alberto Moita e a ti Gracinda Teixeira. Praticamente, eles nunca saíram da Castanheira. Faziam uma agricultura de subsistência. Aos sábados e domingos, o meu pai fazia a barba e cortava o cabelo aos fregueses que, normalmente, pagavam a avença anual com um alqueire de pão. A minha mãe era também costureira e tecedeira.

As iniciativas da AJAC vieram dar uma maior visibilidade aos espaços em que ambos desenvolveram os seus ofícios. Por outro lado, o Dr. Américo Rodrigues trouxe-nos à memória a Fiandeira do Jarmelo (Gracinda, a rapariga do retrato) e motivou a exposição que, no Paço da Cultura da Guarda, mostrou os simples objectos e afectos do dia-a-dia da minha mãe. A sua colaboração foi prestada no sentido de dar mais projecção à Castanheira. Retenho dos meus pais a sua vida simples e bondosa, sempre prontos a ajudar.

## Que relação mantém com a Castanheira? Depois da morte dos seus pais a Castanheira começa a ser estranha?

Agora, vou à Castanheira com menos frequência. Em média, duas vezes por mês, para cumprimento de obrigações, observar um jogo de futebol, participar nas festas, ver os amigos. São momentos que nos fazem bem à mente.

Sempre que lá vou tenho de passar no Largo do Outão. Lembram-me os tempos de menino, a escola, os disputados jogos de bola e outras brincadeiras que só terminavam com o início do toque das trindades. O Outão é o centro da aldeia:



a Casa do Povo, a Junta de Freguesia, a sede da Associação Desportiva, o Centro de Saúde, o Centro de Dia ... É o palco de todas as festas.

Gosto de falar com as pessoas e de participar, na medida do possível, nas associações que dão mais força à Castanheira.

## Está presente nos corpos sociais do Centro Paroquial Nossa Senhora da Conceição, que detém o Centro de Dia: como tem sido esta experiência? Que perspectivas há de o Lar ansiado por muitos ir por diante?

Ajudei a desenvolver o Centro de Dia da Castanheira, na qualidade de vice-presidente da Direcção do Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Conceição. Após a entrada em funções do novo pároco, participo nas reuniões como secretário da mesa do conselho geral.

É uma obra que todos queremos ver ampliada. Damos conta que a sua direcção se tem esforçado ao máximo no sentido de se construir o Lar de Idosos. Também a Junta de Freguesia tem feito tudo o que está ao seu alcance para se concretizar essa obra. A questão financeira é que tem atrasado o processo. Com a ajuda de todos iremos mais longe. Os castanheirenses são generosos e solidários.

*Entrevista de Joaquim Igreja*

## "Apreço e apelo"

Residindo na Guarda, todos os dias falo da Castanheira, com gente que lá nasceu ou de outras localidades. Existe uma ideia generalizada de que é uma aldeia bonita, bem arrumada e limpa, com gente acolhedora. Tudo parece organizado. Impressiona-me a grande dedicação das pessoas aos compromissos que assumiram em prol do bem comum. As vias de comunicação são boas. O ar é puro. Existem espaços públicos de lazer e diversão. As piscinas vieram acrescentar mais-valia e importa usufruir deste investimento. Pena é que não haja mais empresas e Organismos que ajudem a fixar os nossos jovens. Fica a sensação de estarmos a remar contra a maré. Mas atrevo-me a pedir a todos os que têm dinamizado esta nossa terra que não desanimem e continuem a fazer o melhor que sabem e podem.

*Delfim Gonçalves*

# Uma festa cheia

Mais um ano, mais uma festa. Decorreu nos dias 24, 25 e 26 de Julho a segunda edição da renovada festa Nossa Senhora da Conceição. Das inúmeras actividades realizadas, o pico mais alto da festa teve lugar no Sábado, com a actuação da Banda JACKPOT, que juntou na Castanheira tanta gente que fez desaparecer qualquer espaço vazio no largo do Outão, bem como qualquer lugar de estacionamento num longo raio.

Foram três dias de festa, com muita alegria e animação e para além disso há também a salientar o casamento do Sérgio Tomé e o baptizado da Matilde que decorreram no mesmo fim-de-semana. A eles desejamos muitas felicidades.

A alegria da festa só foi quebrada

com o funeral do nosso querido conterrâneo Inácio Gonçalves Martinho. Recordo que há um ano, nesta mesma festa, o Sr. Inácio foi homenageado por ter sido um dos elementos da Banda de Música da

Castanheira. E foi pelo facto de gostar tanto de música que, depois de falarmos com a família, foi pedido à Banda Filarmónica de Pínzio que acompanhasse o seu corpo, na última despedida, até ao cemitério.



CARLOS SANTOS, ATIRADOR

## « Não tenham medo, isto é um puro desporto »

Desde sempre, tive uma certa paixão para desportos diferentes, pois se todos gostássemos só de bola isto não metia piada. Pratico o tiro desportivo em recreio desde quase sempre. Depois de ter passado os diplomas de instrutor nacional e árbitro nacional e ter organizado provas nacionais IPSC em França, estou-me dedicando pessoalmente à competição de tiro dinâmico.



O ano passado nas provas IPSC em Portugal fiquei em quarto lugar no Open Luso Galaico em Braga. Este ano no Open IPSC em Tavira (Algarve) fiquei em primeiro lugar na minha divisão, embora houvesse bons atiradores das equipas profissionais da P.S.P. e outros bons atiradores. Espero que no 12 e 13 de Setembro em Lisboa também me corram bem as provas (organizadas pelas equipas de PSP).

Para este desporto possuo o único clube IPSC privado da Europa. Actualmente faço parte do clube de Tavira onde vou ser o treinador das equipas do tiro dinâmico.

Bom Verão a todos.

**Carlos Santos, Site internet do meu clube : [www.tsv-vernon.org](http://www.tsv-vernon.org). [pistolier.carlos@orange.fr](mailto:carlos@orange.fr)**



Eleições Europeias  
de 2004 e 2009  
na Castanheira

## PSD aumentou vantagem sobre PS

	2004	2009
INSCRITOS	536	572
PPD-PSD -	107	
PS	81	53
PPD-PSD/		
CDS-PP	100	-
CDS-PP	-	12
BE	1	10
PCP-PEV 2	4	-
OUTROS16	3	
BRANCOS	5	7
NULOS	3	5
ABSTENÇÃO	61,19%	64,86%

# Joaquim Monteiro, 85 anos



Joaquim Monteiro, um dos 4 filhos de Augusto Monteiro e Bárbara Dinis, nasceu a 27 de Outubro de 1924. Nunca frequentou a escola e cedo começou a trabalhar. Como ficaram sem a mãe muito novos, ele e os seus irmãos foram criados pelo Tio Igreja, a quem ajudavam a tratar de tudo relacionado com os cavalos, burros e bois, pois ele tinha cavalariças.

Quando era novo, fez de tudo um pouco fazia poços, andava nas ceifas e nas malhas. Aos 12 anos foi para a Rapoula trabalhar no ferro. Trabalhava nesta arte desde o fim das malhas até que começavam as ceifas: foi assim todos os anos até atingir os 20 anos de idade.

Conheceu Idalina, residente nos Monteiros quando andava por lá a trabalhar como caseiro e nas ceifas e casou com ela aos 31 anos. Passado 1 ano teve o primeiro de 4 filhos. Foram uma das três primeiras famílias a ter televisão e água canalizada em casa.

Depois veio para a Castanheira onde começou a trabalhar como ferreiro por conta própria. Tinha uma forja onde aguçava os picos a todos os pedreiros da Castanheira, ferrava os cavalos, vacas e também os carros das burras que na altura eram feitos de madeira e os tamancos. Também punha os arganéis nos porcos e fazia as argolas para os bois, e era também ele que fazia o papel de veterinário e sangrava as vacas e os burros quando se lhe entupiam as veias, trabalho que era feito com uma ferramenta chamada flaime. Ia também ferrar os animais às aldeias vizinhas: marcava

com os agricultores uma data e ia lá ferrar todos os animais. Palmilhava o caminho com a mala das ferramentas às costas desde o Espinhal ao Rochoso, da Miragaia aos Monteiros, Gagos, etc.

Deixou de trabalhar por conta própria pelas dificuldades que teve, pois como não sabia ler nem escrever, as pessoas ficavam a dever-lhe e ele ia fazendo uns riscos numa tábuca que tinha na forja. Tantos riscos fazia que chegava a uma altura já não sabia quem lhe estava a dever (pois desengane-se quem pensa que os caloteiros são uma coisa recente). Por esse motivo foi trabalhar para o Sr. António Saraiva, cerca de 10 anos, onde para além de ferreiro fazia de tudo um pouco, chegando a ser encarregado.

Esteve também 6 anos na França de 1971 a 1977 onde trabalhou na construção civil, mas sem nunca largar o ferro: fazia a parte das cofragens e os pilares de ferro. Voltou então para a Castanheira, onde começou a trabalhar com o filho António Monteiro. No início chegaram a levar a obra no atrelado da mota: iam os dois, a obra e a mala da ferramenta.

Só deixou de trabalhar na serralharia por causa de uma trombose que lhe deu quando tinha 70 anos, mas mesmo assim até há bem pouco tempo todos os dias lá ia ver o filho trabalhar e matar saudades daquilo que fez durante uma vida inteira. Só deixou de lá ir por causa de um segundo ramo de trombose que lhe deu há pouco tempo.

*Henrique Dinis*

## Falares dos Gagos e da Castanheira

Exemplos roubados ao Abel Saraiva através do Norberto Gonçalves in Praça Velha, n.º 21, Julho 2007 (porque a matriz das duas terras é a mesma)

“Empanzinar-se” (comer muito de um modo alarve)

“Estava ali um fistor!” (indivíduo vaidoso)

“prante aí a espingarda” (pôr)

“arranjar um bom de par de botas” (arranjar sarilhos)

“meter o furão na toca” (usar de estratagemas)

“apanhar bordoada de cego” (apanhar a valer)

“ir à samarra” (bater em alguém)

“tirar o chiadoiro” (matar)

“andar numa dobadoira” (não parar quieto)

“ser um babilão” (ser mal agradecido)

“grande como sermão da quaresma” (muito grande)

“É de a gente se benzer com a canhota” (é de ficarmos surpreendidos)

“ir às do cabo” (irritar-se).

### DONATIVOS À AJAC

Ana Moita	40 euros
Anónimo	50 euros
Anónimo	100 euros
António Eugénia	20 euros
Ant.º. João Pereira	20 euros
António Júlio	30 euros
Carlos Miguel	20 euros
Domingos G. Ferreira	50 euros
“Droga”	10 euros
Emanuel P. Saraiva	50 euros
Ilda Martins	50 euros
Joaquim Pereira	20 euros
Joaquim S. Rodrigues	50 euros
José Moita	20 euros
Lurdes Dinis	50 euros
Manuel G. Moita	20 euros
Manuel J. Pires	25 euros
Maria Lídia G. Dias	40 euros
Palmira Eugénia	20 euros
Paulo Esteves	50 euros

Luís Teixeira, Professor na Castanheira em 2008/09

## Só seis alunos mas muita actividade



Luís António Teles Teixeira foi o professor do 1.º Ciclo na Escola da Castanheira em 2008/09. É natural de Fernão Joanes e foi este ano professor titular na nossa terra ao lado de Joaquim Pinharanda, este no papel de professor de apoio. Luís Teixeira foi também professor coordenador no núcleo de escolas Carpinteiro – Casal de

Cinza – Castanheira. Fomos falar com ele.

Foram 6 os alunos da nossa escola do 1.º Ciclo: 2 da Castanheira, 1 da Rabaça e 3 dos Gagos. Entretanto apenas um (do 3º ano) ficou retido. Os outros tiveram um aproveitamento satisfatório.

Quanto às actividades do ano 2008/09, para lá das actividades lectivas, Luís Teixeira frisou-nos as actividades de envolvimento com o meio e de conhecimento de outros espaços. As mais marcantes foram a ida ao Oceanário em Lisboa, que incluiu uma visita guiada e viagem no Metro; a operação de plantio de árvores no local chamado “Rosa” no caminho para a Rabaça, em colaboração com a Câmara Municipal e a Toyota; e as actividades decorrentes do protocolo com a Prevenção Rodoviária Portuguesa (PRP), com duas visitas de uma equipa da PRP à Castanheira e uma deslocação ao Centro da Prevenção Rodoviária em Vale de Estrela. Também correram bem as acções do Natal, das Janeiras, do Carnaval e do Fim do Ano Lectivo. As actividades de enriquecimento curricular foram este ano no Carpinteiro (Inglês, Expressão Musical, Expressão Artística) e em Casal de Cinza (Actividades Físicas e Desportivas), juntando alunos destas 2 escolas mais a Castanheira. 10 minutos de viagem para cada lado e no meio actividades lúdicas interessantes não foi muito cansativo.

A colaboração com as entidades da aldeia, Junta e Associações sempre foi a melhor, refere Luís Teixeira, nomeadamente quando se tratou de apoiar as saídas da escola em visitas. Os pais, alguns carenciados economicamente, também colaboraram na medida do possível. Luís Teixeira lamenta mesmo que a Escola, tão bem equipada e agora melhorada, possa um destes anos ficar sem alunos. Coisa estranha esta de já sermos minoria na nossa terra: só dois alunos da Castanheira em 6 no total é mesmo mau sinal.

**Joaquim Igreja**

Presidente da Junta faz o balanço do mandato

## Difícil trabalhar sem dinheiro

295.000 euros de dívidas à Junta de Freguesia da Castanheira é muita coisa... É assim que reage o Presidente da Junta de Freguesia, Leonel Abadesso, quando lhe pedimos um balanço sobre este mandato autárquico quase a acabar. Pois é esse mesmo o total de verbas previstas nos protocolos com a Câmara Municipal por obras diversas e que entretanto não foram pagas pelo actual executivo à nossa Junta. Dinheiro que só por si transformaria um mandato e que daria imenso jeito às empresas às quais a Junta deve e que permitiria iniciar outras obras. É verdade que a situação é idêntica à de muitas outras Juntas e Associações mas isso ainda torna o problema mais difícil de resolver. Como trabalhar assim?



Quanto às últimas obras feitas, o Presidente destaca a requalificação do caminho para a Rabaça, o caminho da “Rosa”, com o nivelamento e alcatroamento, para além da abertura de um acesso da zona da “Rosa” à estrada de Pínzio. Esta ligação permitirá rentabilizar eventuais investimentos de particulares nessa zona onde a Junta dispõe de 26.000 m2 de terreno. A Junta tem também colaborado no projecto do Lar da 3ª Idade. O projecto já existe, o terreno da Junta foi cedido, está-se agora na fase de candidatura ao Programa POPH. Entretanto a ideia do Centro Multi-Usos para actividades culturais, desportivas e recreativas, está agora em stand-by, à espera de melhores condições financeiras. O caminho do Vale do Poço que daria melhores condições e acesso às piscinas aguarda também dinheiros para avançar. O Presidente Leonel Abadesso reconhece que no mandato anterior a freguesia ganhou bastante com a obra de requalificação da estrada Pínzio – Pousade, que constitui um forte investimento. Mas desde essa altura, a situação financeira é um pesadelo.

E a Associação de Freguesias da Região do Jarmelo? Tem servido de alguma coisa? A resposta não é completamente negativa mas Leonel Abadesso reconhece que a Associação não tem mostrado sentido de união nem uma estratégia única face aos desafios. Tem sido difícil em questões como o Lar da 3ª Idade ou a Sede da Associação chegar a um consenso de forma a conseguir pareceres consensuais que pudessem dar força a determinadas posições. Uma tomada de posição da Associação sobre o Lar da 3ª Idade teria com certeza ajudado a conseguir um bom resultado para o nosso projecto. Mas tal não tem sido possível, com cada presidente a olhar primeiro para a sua freguesia.

Leonel Abadesso coloca como condição de se candidatar a novo mandato o ser possível negociar um Programa para a Castanheira, que “seja para cumprir”. Diz ele: “Queremos mais que promessas! Estar aqui só para passar atestados aos domingos, isso não!”.

**Joaquim Igreja**

# “Nas cidades, onde aí vivem 10.000, aqui vivem 200.000”



## Qual a tua ocupação aí em Angola? Que tipos de trabalho fazes?

A minha ocupação em Angola é gerir uma empresa nossa que criámos há cerca de um ano e meio, com a denominação de EGIVIAS CONSTRUÇÕES Lda., que tem como sócios eu e o meu irmão José Manuel.

É uma empresa de obras públicas no sector de redes viárias e infra-estruturas. A empresa tem neste momento mais de trinta colaboradores, sendo quatro deles Portugueses, os restantes Angolanos. Tem também neste momento cerca de vinte e cinco equipamentos entre máquinas pesadas e viaturas pesadas e ligeiras.

Estamos nesta fase a executar os seguintes trabalhos: empreitada de 140 km de abertura de vala para instalação de fibra óptica entre as cidades de Kibala e Dondo, rectificação de uma estrada com cerca de 25 km para acesso à futura fábrica de cimento na cidade do Sumbe (antigo Novo Redondo), província de Kuanza Sul, exploração de uma pedreira do INEA - Instituto de Estradas de Angola, em parceria com estes e alguns trabalhos de movimentação de terras para o Instituto dos Petróleos de Angola.

## E quais os aspectos positivos?

O que me agrada mais serão talvez os resultados financeiros que eventualmente a

empresa nos der e que consiga levar para Portugal, pois é esse o principal objectivo do nosso investimento em Angola, aliado também a algum espírito de aventura, claro.

Angola tem um clima óptimo, paisagens lindas e um pôr-do-sol deslumbrante. É um povo que tem muito gente boa, desorganizada e pouca trabalhadora certo, mas acolhedores na sua generalidade.

## E os tempos livres como os ocupas?

Tenho poucos tempos livres, mas também não existem muitos espaços de lazer, pelo menos aqui onde vivo. Vou ao café e de vez em quando à praia, pois esta cidade fica situada à beira-mar.

## O que te surpreendeu nesse país?

O que me surpreendeu mais em Angola e nos angolanos foi a cultura deles, principalmente nas aldeias mais do interior, onde vivem ainda praticamente como sempre viveram e em palhotas ainda e a densidade astronómica de população, que é sobretudo jovem, a viver nas cidades. Cidades com estruturas onde na Europa vivem 10 mil habitantes, em Angola têm 200 mil. É impressionante,

contrastando com grandes áreas do território praticamente despovoadas.

## Comunicas facilmente com Portugal?

A comunicação com Portugal é fácil via telefone, é normal mas é bastante caro e a Internet é de fraca capacidade e muito lenta. Claro que falo todos os dias para Portugal para a família e para a empresa e mais que uma vez. Desta forma sempre nos sentimos mais próximos e até nos esquecemos dos 7.000 km de distância.

## E quanto à empresa o que pensas fazer?

Encaro dar seguimento a este projecto durante vários anos: uma empresa não se pode deslocar ou fechar de momento para o outro, tanto mais que esta empresa é de direito angolano. O que pretendo é criar alguma dimensão e capacidade económica na empresa para que possa ter aqui pessoas com boa capacidade técnica para gerir a empresa e assim eu possa estar a maior parte do tempo em Portugal, deslocando-me a Angola frequentemente, mas por períodos mais curtos.

*Entrevista de Joaquim Igreja*

## O que me custou mais

O que me custou mais foi a adaptação ao sistema e ao modo de vida dos angolanos, pois é bem diferente do nosso. Muito embora a língua seja a mesma, a cultura e o modo de vida são bem diferentes, desde a alimentação à maneira de ser e de pensar. Custa um pouco a adaptação, mas nós é que temos que nos adaptar até porque aqui somos emigrantes, mas o que custa muito de facto é estar longe da família, embora nunca estivesse por períodos de mais de três meses.

De salientar também as dificuldades de comunicação nas redes viárias, pois ainda há muitas cidades-sedes de municípios e até de províncias com os acessos quase intransitáveis, muito embora os eixos principais estejam quase todos asfaltados ou em reconstrução. São também evidentes a falta ou a deficiência das infra-estruturas básicas, energia eléctrica, abastecimento de água, redes de esgotos, que praticamente não existem, com excepção das avenidas principais das três ou quatro cidades maiores.

Nas zonas do interior há mesmo escassez de bens essenciais, assim como bens alimentares, mesmo os mais básicos, e de restaurantes e hotéis.

**Albino Teixeira**

## FIGURAS

Homenagem a Arsénio Saraiva Martins, ex-conservador e advogado

# Vouzela prestou homenagem ao nosso Arsénio

No dia 4 de Julho passado na quinta da Capela, freguesia de Campia, concelho de Vouzela, foi realizado um tributo ao ex-conservador e advogado castanheirense Arsénio Saraiva Martins, visando lembrar e prestigiar a sua obra no Município e Conservatória de Vouzela. Esta homenagem consistiu num almoço-convívio, organizado pelos funcionários da Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial de Vouzela, que teve como principais ingredientes música ao vivo, boa disposição e discursos de reconhecimento e agradecimento. Estiveram presentes mais de 100 pessoas, entre família, colegas e funcionários de várias conservatórias, inspector dos Registos e do Notariado, amigos e representantes das instituições de Vouzela, incluindo o Presidente da Câmara de Vouzela.

Assim, foi prestada uma memorável e merecida homenagem a Arsénio Saraiva Martins pelos diversos cargos que desempenhou, dedicando-se com profissionalismo ao serviço da população daquele concelho, desde 1974, ano em que tomou posse do lugar de Conservador de Registos, até ao dia 1 de Maio de 2009, momento em que se aposentou do cargo.

No final, Arsénio Martins, discretamente emocionado, brindou todos os convidados com um breve resumo na primeira pessoa da sua experiência ao longo de todos estes anos, manifestando a sua disponibilidade de continuar ao serviço da comunidade Vouzelense.

Os parabéns também de todos os castanheirenses!

**Eugénio Gonçalves**



## Castanheira em movimento

### Nascimentos



**Tiago Daniel Esteves Ferreira,** nascido em 14/04/2009, em São Miguel da Guarda; filho de Daniel José Carmo Ferreira e de Anabela Machado Esteves.



**Raquel Maria El-helou Saraiva,** nascida dia 28/05/2009 em Nogent sur Marne, França; filha de Emanuel Pereira Saraiva e de Sandrina El-helou Saraiva



**Gonçalo Monteiro Martins,** nascido a 23/05/09 no Hospital Sousa Martins Guarda; Filho de Paulo Jorge Dinis Martins e de Sónia Patrícia Maio Monteiro.



**Lara Pereira Fortunato,** nascida a 29/05/2009 no Hospital Sousa Martins, filha de Alberto Amadeu Marques Fortunato e Silviana Pereira Fortunato (aguardo foto)

**Lourenço Ribeiro Saraiva,** nascido a 19/03/2009 no Hospital Sousa Martins, filho Miguel Marques Saraiva e Elsa Esperança Ribeiro Saraiva (aguardo foto)



### Casamentos

**Marta Sofia Vitória Carreira e Adriano Manuel Alface Bailadeira,** em 4/07/2009 na Igreja Paroquial da Castanheira



**Sérgio Albuquerque Tomé e Marina Isabel Mota Correia Tomé,** em 25-07-2009 na Igreja matriz da Castanheira.

### Baptizados



**Gonçalo Casalta Ferreira e Martim Casalta Ferreira**

Data de Nascimento: 2/7/2008  
Pais: Joaquim Manuel Alexandre Ferreira e Carla Maria Dinis Teixeira Casalta Ferreira  
Data do Baptizado: 19/7/2009; na Igreja Paroquial de Pínzio

### Óbitos

Carlos Alberto Pereira Miguel, em 07-05-2009

Augusto Dias, em 03-07-2009

Inácio Gonçalves Martinho, em 25-07-2009

## 1º Convívio 1959-2009: 50º Aniversário

Por carolice e algum diálogo entre colegas e amigos, há já alguns anos falámos na hipótese de nos juntarmos para realizar este convívio e comemorarmos esta data tão especial. Da hipótese à realidade foi um pequeno passo, apenas um mês.

Serviu este convívio para recordar memórias de infância e juventude e para fortalecer laços de amizade e união dentro do grupo. Do encontro constou missa pelos amigos e colegas já falecidos e imposição de uma lápide na campa do amigo falecido mais recente, Joaquim Diniz Saraiva, seguido de almoço, jantar e bolo de aniversário num restaurante de Pínzio. Foi divertido e interessante e um dia diferente de tantos outros.

Estiveram presentes 11 nascidos em 1959 na Castanheira, Rabaça ou Porto Mourisco, a saber: António Igreja Marques; António Augusto Monteiro Dias; Joaquim Pires dos Santos; José Pereira da Silva Gomes; Maria Miquelina Marques Carreira; João Alberto Saraiva; Alfredo Paulino Martins Teixeira; Ana Maria Alexandre Pereira; Manuel Jerónimo Marques; Maria de Lurdes Gonçalves dos Santos; Manuel José Videira Tomé. De referir que o total de nascidos em 1959 foi de 33, tendo falecido já 6. Extraordinário se compararmos com os nascidos 50 anos depois.

António Igreja Marques, João Alberto Saraiva e Joaquim Pires dos Santos (organizadores)



### 7 vezes Sacabuxa

No dia 01 de Agosto a Fanfarrinha Sacabuxa celebrou o 7º aniversário. Uma celebração marcada por uma aplaudida actuação da fanfarrinha, que apresentou ao público da Castanheira o seu novo visual. Para além da actuação, do corte do bolo de aniversário e do brinde à Sacabuxa, pela noite dentro houve oportunidade de vários "talentos escondidos" da Castanheira mostrarem os dotes artísticos na animação karaoke.

O aniversário foi igualmente aproveitado para dar a conhecer o blog <http://sacabuxa.blogspot.com/>, um espaço que a Sacabuxa pretende aproveitar, não só para divulgar a acção musical da fanfarrinha, mas também como um espaço de comentário e divulgação de outras actividades.

O Clã dos Lucas

## Encontro de gerações

A ideia de reunir todos os descendentes (e seus cônjuges) do clã cujos progenitores foram Ana Geneveva Lucas e Manuel Lucas, partiu do Paulino Assunção e do David Saraiva, a que, em boa hora, se associaram o Albino Martins e o Pereira (marido da Lucília).

São descendentes em 1º grau dos referidos Ana Geneveva Lucas e Manuel Lucas: Ana Geneveva (mãe de Geneveva Marques, de Palmira Marques, de Helena Marques e de Ana Marques); Maria Geneveva (mãe de Ana Maria, de Natividade, de Manuel Fortunato e de Geneveva Fortunato); Rafael Lucas (pai de Joaquim Rafael, de Palmira Inês, de Maria Inês, de Geneveva Inês e de Isabel Inês) e, ainda, Joaquim Lucas e António Lucas, estes dois últimos emigrados para a Argentina nos anos de 1940.

Foi com grande satisfação que, em almoço de convívio realizado no dia 1 de

Agosto de 2009, reunimos mais de 120 pessoas representativas de quase todas as famílias pertencentes ao mesmo clã.

Para o próximo ano esperamos reunir em almoço de convívio muitos mais, provavelmente alguns deles vindos da Argentina.

Saudações a todos os membros

deste extenso clã.

**Paulino (filho de Geneveva Marques, neto de Ana Geneveva); David (filho de Ana Maria, neto de Maria Geneveva); Albino (filho de Helena Marques, neto de Ana Geneveva); Pereira (marido de Lucília, filha de Ana Marques, neta de Ana Geneveva)**



Esta fotografia foi tirada na casa onde residiram os progenitores do clã, Ana Geneveva Lucas e Manuel Lucas.

# Manuel Martinho, o pai dos pobres



Manuel Martinho da Moita, ou simplesmente ti Manuel Martinho, como era chamado, nasceu em 8 de Junho de 1885 e faleceu aos 75 anos em 4 de Fevereiro de 1961. Foi casado com a Sr<sup>a</sup> Maria Isabel e tiveram dois filhos, o Joaquim e a Isabel (ou o Quim e a Isabelinha). Era lavrador abastado e na Castanheira conheciam-no como “pai dos pobres”. Por isso a sua morte deixou muita gente a sentir a sua falta. É isso que nos diz a sua nora, Justina Martinho, natural de Pousade, viúva de Joaquim Martinho desde 2003. Curioso o começo da conversa: Manuel Martinho chegou a ir pedir a mão da mãe de Justina, não se tendo no entanto desenvolvido essa relação. Casaram-se depois os filhos. Mas vamos à história do ti Manuel Martinho.

Na primeira metade do séc. XX a miséria era grande por estas terras. No inverno a falta de mato e lenha era um drama para muitas famílias. Por essa razão era frequente verem-se pessoas a arranjar mato e lenha pelos meios menos convencionais, isto é, roubando. O ti Manuel Martinho dava muito “jornal” a ganhar mas mesmo assim era um dos alvos preferidos porque tinha muitas propriedades com esse combustível. E ouçam agora esta: em vez de os repreender o ti Manuel Martinho ia ajudar-lhes às vezes a fazer o feixe ou então escondia-se para não o verem e não se sentirem constrangidos. Um dia disseram na aldeia: “Já passaram 20 cargas às barreiras da Moita, vindas lá da Ribeira”.

Outro tipo de comportamento habitual no ti Manuel Martinho era para com os pobres vagabundos, que na altura eram muitos e andavam de terra em terra a pedir aqui uma coisa, ali outra. Eram esses mas também os caldeireiros e amola-tesouras que não tinham onde ficar. No frio do Inverno esse pessoal vinha ter ao forno comunitário: aqueciam-se e comiam um bocado de bôla ou umas batatas assadas. Depois diziam-lhes: “Se quereis ficar debaixo de tecto ide pedir ao ti Manuel Martinho”. E ele lá lhes arranjava local de descanso nas cortes da casa da Moita. “Mesmo os ciganos, que outros temiam”, conclui Justina, “não eram receados pelo ti Manuel, que os acolhia bem. Havia sempre um lugarzinho”.

**Joaquim Igreja**



## Danças com barrocos IV

Quem vê barrocos não vê as casas que se deitam sobre eles. Servem as imagens de hoje para mostrar que os barrocos sobre os quais se construíam as casas e que depois nem eram disfarçados pelo construtor não perturbavam o andamento nas ruas (em tempos de fraco trânsito) e eram até locais de tranquilidade a certas horas para arrear a carga que ia nas tripas. Que o digam os principais “cagadouros”, que eram na Castanheira junto a barrocos ou mesmo no cimo deles. A estética também não era coisa que ficasse em perigo: casas em pedra e barrocos de pedra casavam muito bem. Mas estão a imaginar um muro de blocos de cimento em cima do barroco?

**Joaquim Igreja**

Doem mesmo

## Lombas para que vos quero!

Já ouvi pessoas de fora da Castanheira dizer que não voltariam à Castanheira por causa daquelas lombas “criminosas” junto à Escola e na outra entrada a seguir ao cemitério. É que não se entende como é possível em outros locais fazer abrandar os automobilistas tratando-os civilizadamente e aqui os sujeitam a um quebrar de suspensão ou a um susto como se estivessem a bater contra um muro. Não serão possíveis umas bandas sonoras menos “chocantes”? Vá, resolvam lá o problema neste Verão!



**Joaquim Igreja**

○ o homem que rezava nos acompanhamentos

## Morreu o ti Augusto Dias

Era um homem bom e sempre pronto a abrir-nos a porta. Era talvez o homem mais informado sobre a Castanheira e o seu passado e por isso várias vezes o fomos procurar para obter informações preciosas. Era o homem que rezava nos acompanhamentos à porta da igreja. Foi o homem que durante alguns anos recebeu dos agricultores o leite de vaca que depois a empresa leiteira vinha buscar. Na sua casa esteve instalado uma espécie de armazém de adubos e rações para servir a freguesia. Durante muitos anos andou na Banda de Música. Vale pois a pena prestar-lhe homenagem.



# 1º BTT da Castanheira /Just in Time

A AJAC, em colaboração com um grupo de amigos, organizou no passado dia 10 de Junho uma jornada de convívio de BTT'istas, denominada "1º BTT da Castanheira / Just in Time", com o objectivo de promover uma saudável ocupação de tempos livres, esperando sempre, mais que competição, ser um espaço de convívio e boa disposição, tendo também em vista impulsionar a prática da modalidade na nossa região.

O passeio começou com a concentração dos 78 inscritos na piscina da Castanheira que, depois do secretariado e de um "cafezinho", partiram à descoberta das paisagens e aldeias da nossa região. A prova esteve dividida em duas etapas. A primeira, com cerca de 30 Km, teve saída da Castanheira, com visita à Rabaça, passando depois pela ponte romana até à Amoreira, seguindo em direcção ao reforço alimentar servido no Freixo, antecedida de uma espectacular passagem pela Ribeira das Cabras. Depois trilharam caminho de regresso à Castanheira com passagem por Pinzio. Na segunda parte, com cerca de 20 Km, após uma paragem para retemperar forças, foram trilhados os caminhos do Jarmelo (Castanheira, Porto Mourisco, Monteiros, Jarmelo, Gagos e Castanheira).

Após o final da prova foi servido o almoço na piscina seguido de uma tarde de convívio e boa disposição entre todos.

Tal como é atestado em várias opiniões publicadas em blogues da especialidade, o evento foi um sucesso e recomenda-se. Sem esquecer todos os outros patrocinadores (e foram muitos os que se associaram a este evento), queremos deixar uma palavra

de agradecimento à Junta de Freguesia da Castanheira, à Delegação da Guarda da Cruz Vermelha e a todas aquelas pessoas que contribuíram para que este evento fosse um êxito. Um agradecimento especial à Just In Time e ao Miguel Saraiva.

Ficam algumas opiniões:

"Apesar de ter sido apenas o 1º passeio de BTT da Castanheira, a Associação da Juventude Activa da Castanheira está completamente de parabéns por toda a organização, esforço e dedicação deste evento. Começando pela recepção (com natas e afins), o jersey oferecido (com um design muito interessante), o percurso fantástico e muito bem escolhido, o reforço e à chegada comida e bebida com fatura num espaço muito agradável. (...) Obrigado AJAC e patrocinadores." In <http://bttonline.wordpress.com>

"Apesar de serem estreantes na realização de eventos deste género, só temos uma palavra a dar à AJAC e ao Miguel Saraiva: não foi 5 estrelas... FOI 10 ESTRELAS. (...) O local escolhido não poderia ser melhor. Tinha de tudo para se passar um dia fantástico (piscina, relva) onde não faltava nenhum pormenor. (...) O percurso bem marcado e muito bem escolhido, com paisagens magníficas, e uma panóplia de pisos para todos os gostos: desde estradões, a single tracks, a empedrados... Os reforços ao longo do percurso onde não faltava os bombeiros sempre a postos para dar assistência, e uma coisa que nunca vi nos passeios: laranjas descascadas e partidas (fantástico) (...)" In <http://pirrysportbike.blogspot.com>

**Vitor Gonçalves**



## Recordar

"A Castanheira em tempos antigos tinha duas bandas de música, era a música do ti Morgado e a música do ti Daniel.

A última que teve e da qual eu fiz parte foi extinta no ano de 1960: era composta por vinte e cinco elementos dos quais eu era dos mais novos. Passados quarenta e quatro anos foram encontrados alguns papéis da referida banda que eu entrego à Associação da Juventude da Castanheira.

O instrumental foi entregue à Junta de Freguesia. A última vez que tocou foi em 1968 com doze elementos numa procissão dos Passos. Quando teve maior vigor foi pelos anos de 1950 com vinte e cinco elementos. Chegámos a fazer setenta festas por ano. A nossa zona principal era a da raia do Sabugal até Escalhão. Até 1950 fazíamos este trajecto todo a pé. Saíamos da festa ao pôr do Sol e chegávamos ao nascer do Sol do dia seguinte. Toda a noite a andar. Só a partir de 1950 é que começámos a andar na camioneta do ti Zé Maria. A origem de terminar a banda foi a imigração que em 1960 passou pelas nossas terras. Castanheira 16/5/2004."

**Augusto Dias (1925-2009)**



### Ficha Técnica

Boletim da Associação da Juventude Activa da Castanheira  
6300-075 Castanheira, e-mail: [associacaoactiva@oninet.pt](mailto:associacaoactiva@oninet.pt)  
ou [ajac@ajac.com.pt](mailto:ajac@ajac.com.pt) Director: Vitor Gonçalves  
Coordenador: Joaquim Martins Igreja Periodicidade: Quadrimestral Tiragem: 1.000ex. Paginação: Elsa Fernandes Impressão: Marques e Pereira (Guarda)

### Quer receber gratuitamente o jornal em casa?

Se é associado ou se já fez à AJAC algum donativo, vai continuar a receber o nosso jornal. Se não é associado nem deu nenhum contributo à AJAC, pode fazê-lo. Escreva para: Associação da Juventude Activa da Castanheira, 6.300-075 CASTANHEIRA GRD. A partir do número de Abril de 2009 só nestas condições poderá continuar a receber o jornal.

O nosso obrigado a todos aqueles que acreditam no Castanheira Jovem.